

A INFÂNCIA, O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES.

CHILDHOOD, PLAY AND DEVELOPMENT: SOME REFLECTIONS.

¹SILVA, A.F.C.; ²BARROS, F.C.O.M.

^{1e2}Curso de Licenciatura em Pedagogia –Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente trabalho de caráter bibliográfico faz parte da pesquisa de TCC intitulada "A redução das atividades potencializadoras do desenvolvimento infantil", teve como objetivo trazer algumas reflexões sobre o conceito de infância, criança e brincadeiras ao longo da história como subsídios para pensar e refletir sobre o desenvolvimento infantil e compreender os motivos pelas quais está acontecendo a diminuição do brincar. Para isso, o presente material, disserta inicialmente com um olhar histórico, acerca da concepção de infância, percorrendo desde a Idade Média até a Contemporaneidade, por meio de estudos e registros que mostram indícios sobre a infância nesses períodos históricos, relatando de forma cronológica a construção social e cultural do conceito de criança e infância. Posteriormente, refere-se ao brincar, trazendo sua evolução diante da história, mostrando a relevância para o desenvolvimento integral dos pequenos, ressaltando então que o brincar e a criança estão em uma constante fase de transformação e crescimento, portanto é por meio do brincar que a criança se desenvolve, constrói pensamentos e seu próprio jeito de ver o mundo, aprendendo a interagir com a realidade.

Palavras-chave: Infância. Brincar. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

The present work of bibliographic character is part of the research of TCC entitled "The reduction of the activities potentiating the development of children", had as objective to bring some reflections on the concept of childhood, child and games throughout history as subsidies to think about and reflect on child development and understand the reasons why the decrease in play is happening. For this, the present material, initially with a historical view, on the conception of childhood, ranging from the Middle Ages to Contemporaneity, through studies and records that show signs of childhood in these historical periods, chronicling the social and cultural construction of the concept of children and childhood. Later, it refers to playing, bringing its evolution before the story, showing the relevance for the integral development of the small ones, emphasizing then that the play and the child are in a constant phase of transformation and growth, therefore it is through playing that the child develops, builds thoughts and his own way of seeing the world, learning to interact with reality.

Keywords: Childhood. Play. Child development

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a infância, o brincar e o desenvolvimento que esse processo propõe, exige um certo esforço e reflexão por parte da sociedade.

Ao longo dos anos, a criança vem adquirindo diferentes papéis de acordo com a época e o meio em que está introduzida.

A visão de infância que se tem é uma percepção historicamente construída. A criança desenvolve-se pela experiência cultural e social, nas relações que estabelece com os parceiros mais experientes, desde cedo. Dessa maneira, o ato de brincar é

uma atividade humana, na qual os pequenos são inseridos na sociedade, resumindo-se em uma maneira de apropriar-se e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

Embora a palavra brincadeira estar fortemente ligada à infância e às crianças, observa-se que a brincadeira sempre foi uma atividade significativa na vida dos homens em diferentes épocas e lugares (Borba, 2007). De acordo com Borba (2007), a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura.

Cabe destacar que o brincar não é inato, e que não é apenas um momento reservado para deixar os pequenos à vontade, mas sim um momento que pode ser mediano, proporcionando espaços, oportunidades e materiais. São processos fundamentais para o desenvolvimento integral não somente da criança, mas do ser humano adulto que se tornará.

Nessa perspectiva, este trabalho traz como eixos principais, a infância, a criança e as brincadeiras, relatando fatos importantes ao longo da história como subsídios para pensar e refletir sobre o desenvolvimento infantil e compreender os motivos pelas quais está acontecendo a diminuição do brincar nas escolas da infância.

A criança, a infância e o brincar na história: Apontamentos.

A ideia de infância que se tem atualmente se deriva de um processo denso marcado por diversas lutas. E o entendimento desse conceito só se dá, quando se conhece seu contexto histórico. Segundo Faria (1997, p.9) “a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo dos tempos, conforme as determinações das relações de produção vigentes em cada época”.

No decorrer do tempo, a criança vem adquirindo inúmeros papéis e funções em consequência da época e da sociedade que faz parte.

Desta forma, a concepção de criança sofreu modificações ao longo dos séculos. Na Idade Média, por exemplo, não existia um tratamento diferenciado para os pequenos, pois os mesmos eram tidos como adultos em miniaturas, usavam as mesmas roupas, tratamentos, trabalhavam nos mesmos locais, conversavam sobre os mesmos assuntos, pertencentes a vida adulta, tornando a infância um período de preparação. Rodrigues (2009, p.10) aponta em suas pesquisas que:

Na Idade Média não existia um sentimento de infância que distinguisse a criança do adulto, sendo a criança considerada um adulto de pequeno tamanho executando também as mesmas atividades dos mais velhos. A infância, nessa época, era vista como um estado de transição para a vida adulta. Não se dispensava um tratamento especial para as crianças, o que tornava sua sobrevivência difícil.

Segundo o autor, o que realmente importava na época era que a criança crescesse de forma rápida para poder participar da vida adulta ativamente.

As crianças à partir dos 7 anos de idade, independentemente da classe social, eram inseridas em famílias desconhecidas, que não faziam parte de suas vivências cotidianas para então aprenderem os serviços domésticos da época, por meio da prática.

De acordo com Ariès (2006, p.156): “Era através do serviço que o mestre transmitia a uma criança não a seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir.” (ARIÈS, 2006, p.156).

Naquela época os serviços eram considerados uma forma de educação tanto para os pobres quanto para os ricos. Ainda na sociedade medieval, as escolas eram reservadas a uma pequena quantidade de crianças, aprendiam somente letras latinas, o conhecimento em outras áreas eram restritos.

Porém na Idade Antiga, a cultura vigente compunha-se de escravos e latifúndios. Em meados do século XIX, a mortalidade infantil não era vivenciada com sofrimento e dor, pois existia o conhecimento que uma criança morta, era um anjo, sem pecados, pura e inocente. Ainda no século XIX, deu-se o surgimento da roda, cilindros de madeira, osos e giratórios, arquitetados em paredes de igrejas, hospitais e casas de caridade, onde ocorria o recolhimento dos expostos, local que consentiam que bebês fossem deixados sem que o responsável fosse identificado. Segundo Oliveira (2011, p. 59) “As ideias de abandono, pobreza, culpa, favor e caridade impregnam, assim, as formas precárias de atendimento à menores nesse período”, enfatizando o lado negativo à assistência fora do seio familiar.

Em 1871, a roda dos expostos passou a ser menos procurada, surgiu aí uma preocupação, pois não se sabia onde deixar e o que fazer com os filhos das escravas. Foi aí que começou a surgir as primeiras creches, os primeiros modelos educacionais.

Já na Idade Moderna, houve os primeiros registros de atendimentos, os chamados refúgios ou asilos, que atendiam os filhos de mães operárias, no ano de 1774.

No século XVII, os mimos, paporicações, agrados foram considerados como algo prejudicial, justificavam que as crianças se tornavam mal educadas, porque eram mimadas. Com isso aconteceu a proposta de uma educação moralizadora com o intuito de tornar os pequenos, cidadãos disciplinados. E por meio desse ocorrido surgiu a preocupação dos pais “de vigiar seus filhos mais de perto e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de uma outra família” (Ariès,2006, p.159). Com essa aproximação significativa, de pais e filhos, os adultos começaram a se organizar em torno dos pequenos e então nasceu o sentido de família que ainda carregamos. A criança passou a ser alguém amável e os cuidados aumentaram.

No capitalismo, surgiu a Revolução Industrial que caracterizou a sociedade sob o domínio da indústria, mão de obra assalariada, ciência e tecnologia. Nesse período a criança passou a ser alguém que necessitava ser escolarizada e educada para uma boa atuação na sociedade. Nasceu o ensino primário com fins de formar pessoas para trabalhar. Já para a burguesia surgiu a educação humanizada para formar cidadãos honrados, pensantes e mandantes.

A escola começou a separar a sociedade os ricos dos pobres. Pode-se perceber assim que o prolongamento da infância, o aparecimento da adolescência, da idade adulta e dos níveis de ensino, foram fatores coadjuvantes na estratificação social (Ariés, 2006). Pode-se notar nesse contexto que o único interesse era formação de mão de obra e homem produtivo.

Por fim, na Contemporaneidade, em meados do século XX, a criança começou a surgir como protagonista, onde surgiu o interesse e o esforço em conhecer as crianças em suas especificidades assim como, a concepção de infância que vai se modificando. Nesse contexto, também ocorre a diminuição das mortes infantis, devido as mudanças sociais e econômicas da sociedade.

Segundo Kramer (2007, p.15):

“Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância”.

Com isso, surgiu um grande interesse em conhecer e estudar os diversos tipos de infância, as especificidades infantis, a sociedade em que estavam inseridas, o elo cultural entre crianças e adultos, considerando principalmente brincadeiras, desenvolvimento e significados.

Os brinquedos e as brincadeiras também estão envolvidos em uma dimensão histórica, os conceitos de brincadeiras, brinquedos e jogos fazem parte de uma construção social, que se transformaram ao longo do tempo.

Grande parte das brincadeiras que nos parecem indispensáveis ao desenvolvimento infantil e que fazem parte de nossas vidas, surgiram e foram praticados à séculos. Entretanto eram consideradas práticas vazias de sentido para os adultos, Manson (2001) relata em suas pesquisas que:

Porém, a ideia da utilidade dos jogos será ainda longe de ser reconhecida no Renascimento. Tanto Rabelais como Montaigne falam dos brinquedos com desprezo e durante muito tempo estes serão considerados como um luxo inútil, até mesmo perigoso, pois desviam as crianças, em crescimento, dos seus estudos. (MANSON 2001, p. 51)

No século XI, existiam variedades de objetos em miniaturas que eram utilizados pelos os adultos da época, afim de, enfeitar estantes, túmulos, amuletos de proteção, a maioria dos objetos eram usados em atos religiosos.

Já na Idade Média essas miniaturas foram dando espaço para os brinquedos, que começaram a surgir das mãos de artesãos, ao fazer uso desses objetos começou a se descobrir aos poucos o universo das crianças e das brincadeiras.

Nesse período histórico, por volta do século XVI, não existiam separações e preconceitos se tratando do brincar, pois tais atividades eram imitações das práticas dos adultos e era normal os adultos brincarem, o que ressalta que não era somente as crianças que utilizavam os brinquedos.

Nessa perspectiva, analisando a evolução do brincar, visando a concepção de criança e de infância perante o mundo, percebemos que os jogos e as brincadeiras sofreram transformações ao longo do tempo. Desse modo, Manson (2001) relata que, “através destes debates nasce um desejo de conhecer melhor a criança, observando o seu comportamento perante os brinquedos, o que anuncia o começo da psicologia infantil.” (MANSON, 2001, p.223)

Com o início do Renascimento, as brincadeiras começaram a se tornar especificidades das crianças, o ato de brincar passou a ser mediador entre o mundo

e a criança, Kishimoto (1993) diz que, a criança passa a ter um espaço para brincar junto ao brinquedo o que torna possível sua interação no mundo lúdico.

Vale destacar que a brincadeira colabora para a preparação do sujeito para a vida e o mundo social, de forma que ele possa desenvolver autonomia, ser capaz de formar opiniões, mesmo observando que o brincar é uma atividade específica das crianças, a prática se torna um processo fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano que um dia se tornará.

Entretanto, o brincar é uma ação que planeja às atividades humanas até porque contempla o ser humano na totalidade. Desta maneira, não se deve entender os pequenos como adultos em miniatura, com isso Rousseau (1999, p. 4) formou um relevante pensamento: “procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem”. Desta forma, consiste considerar que as atividades lúdicas e o ato de brincar necessitam ser manifestações decorrentes do dia a dia na educação infantil, enfim brincar pode ser também sinônimo de aprender ou seja o próprio processo da brincadeira compreende na relação de aprendizagens diversas sobre o mundo.

O brincar é uma atividade importante no contexto do processo de aprendizagem, as crianças podem formar novos significados, o que contribui para a construção da vida social e cultural o que torna fundamental que os professores considerem tal prática como atividade promotora do conhecimento na vida da criança.

Cória-Sabani e Lucena (2004 p.42) dizem que “desenhar e brincar deveriam ser os estágios preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”. Sendo assim, para que as crianças de educação infantil aprendam ler e escrever, a melhor maneira para desenvolver tais habilidades é por meio do brincar.

Na brincadeira as crianças vivenciam situações, imaginam, criam e recriam, essas vivências proporcionam ler e imaginar o mundo o que contribui com sua formação com a cultura escrita, a curiosidade por meio das vivências floresce e isso intensifica a curiosidade pelo mundo letrado. Freire (1983) relata que, “a leitura do mundo precede a leitura das palavras”. Entretanto, o papel do professor implica em criar e organizar as condições e oportunidades no cotidiano das crianças e também utilizar estratégias e recursos para alcançarem tais objetivos por meio do brincar.

Porém, diante da exigência, da sociedade, familiares e do próprio sistema de hoje em dia, alguns professores desenvolvem seu trabalho, afim de preparar as

crianças para o ensino fundamental. Mas o processo de alfabetização não se deriva apenas de aprendizagem das letras e palavras, mas sim por meio das vivências proporcionadas as crianças que oportunizam a elas construir autoconfiança, respeito ao próximo, limites e regras, trabalho em equipe, autonomia etc. Tais processos se desenvolvem por meio das vivências sociais que estão inclusas.

Vale ressaltar que o brincar não é apenas um momento para deixar as crianças à vontade, mas sim um momento que podemos media-lo, proporcionando espaço, oportunidades e materiais para brincarem, aprendendo junto com elas. São processos fundamentais para o desenvolvimento integral da criança e do ser humano adulto que se tornará.

Sendo assim, é fundamental que os professores considerem o brincar como atividade promotora do conhecimento para a criança, contribuindo para seu desenvolvimento integral. Ao imaginar-se um mundo sem brincadeiras, imagina-se também um mundo sem infância, não haveria imaginação e tão pouco existiria o encanto de ser criança.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa visa propiciar conhecimento e reflexão para os atuais e futuros professores, para que entendam as crianças como seres que pensam e sentem o mundo de maneira única, não se esquecendo que as crianças são sujeitos históricos e sociais, marcados pelas questões do meio social em que fazem parte. E para que conheçam e compreendam o ato de brincar como atividade fundamental para os pequenos, pois é brincando que elas descobrem e vivenciam o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social.

Brincar é um direito da criança, além de ser de extrema importância para seu desenvolvimento, e, por isso as escolas de ensino infantil devem dar a devida atenção a essa prática, rompendo com a visão de que o brincar é apenas um passa tempo, e passando a compreender como atividade necessária da infância.

E vale ressaltar, que o brincar não se resume apenas a formas de prazer e diversão para os pequenos, mas são meios privilegiados de expressar os seus sentimentos e aprender.

Por intermédio das brincadeiras, a criança explora e pensa sobre a realidade e a cultura na qual faz parte. A vivência e a experiência de diversos papéis sociais (o

papel de mãe, pai, bombeiro, super-homem, astronauta) através do faz-de-conta, permite à criança compreender e refletir sobre o papel do adulto e aprender a comportar-se e a sentir como ele. A criança procura assim conhecer o mundo e conhecer-se a si mesma.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2ª ed., 2006.

BORBA, Ângela M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CÓRIA-SABANI, Maria Aparecida e LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. 3. Ed. Campinas, SP: Papiros, 2005.

FARIA, Sonimar C. de. **História e política da educação infantil**. In: FAZOLO, Eliane, CARVALHO, Maria C. M. P. de, LEITE, Maria Isabel & KRAMER, Sônia. Educação Infantil em curso. Rio de Janeiro: Ravel, p. 9-37, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. In Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1983.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 12ª ed., 1993.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MANSON, M. **HISTÓRIA DO BRINQUEDO E DOS JOGOS** In: Brincar através dos tempos. Lisboa / Portugal: Editorial Teorema, 2001.

OLIVEIRA, Z, R. de. **Os primeiros passos na construção das ideias e práticas de educação infantil** In: Educação Infantil: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.